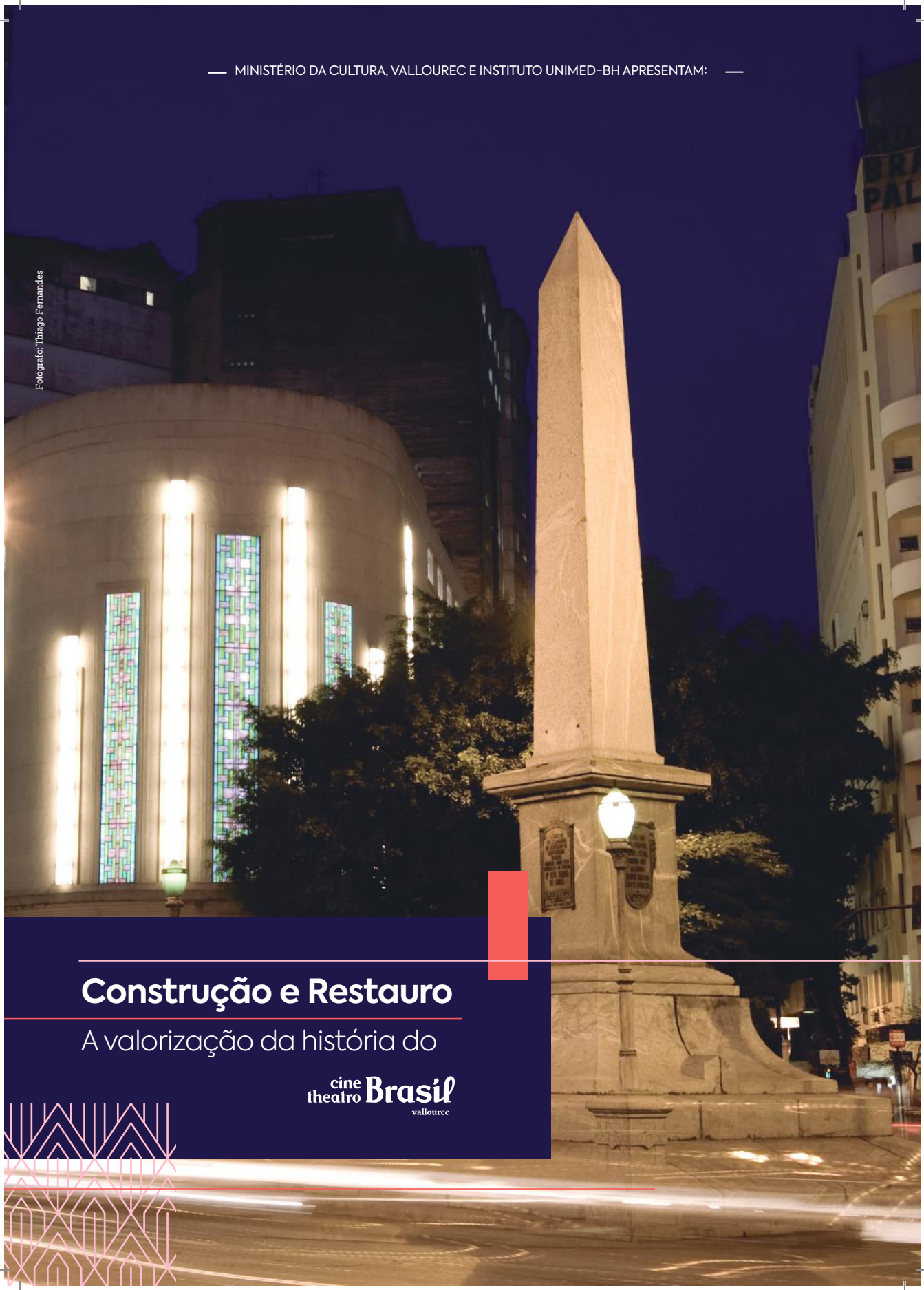
— MINISTÉRIO DA CULTURA, VALLOUREC E INSTITUTO UNIMED-BH APRESENTAM: —



Fotógrafo: Thiago Fernandes

Construção e Restauro

A valorização da história do

cine theatro Brasil vallourec



Fotógrafo: Ignio Bonfioli
Acervo Jornal Estado de Minas

Década 1930



Fotógrafo: Não identificado
Acervo Museu Histórico Abílio Barreto
Fundação Municipal de Cultura

Década 1980



Foto: Thiago Fernandes

2013



Sejam bem-vindos

Apresentamos, neste guia técnico, o Cine Theatro Brasil Vallourec, uma das referências em cultura em Minas Gerais.

Sempre pioneiro, a inauguração deste prestigiado espaço cultural revolucionou não só a cultura de massa, mas também a arquitetura e a engenharia da ainda provincial Belo Horizonte, à época, recentemente planejada e construída para ocupar a insígnia de capital mineira.

Inaugurado na década de 1930, o prédio colecionava méritos que o destacava na cidade, desde o seu estilo arquitetônico, as técnicas utilizadas em sua construção, sua altura - por muitos anos foi o mais alto da cidade - até a capacidade da sala de cinema que, quando inaugurada, era a maior do Brasil.

Vamos fazer um mergulho por esse prédio histórico. Entender o seu projeto arquitetônico, os desafios e as soluções inovadoras aplicadas em sua construção, as referências vindas de países mais desenvolvidos no segmento da engenharia civil, todo o pioneirismo e também o engenhoso e cuidadoso processo de restauro, que preservou e ressaltou com integridade as características de quando foi erguido.

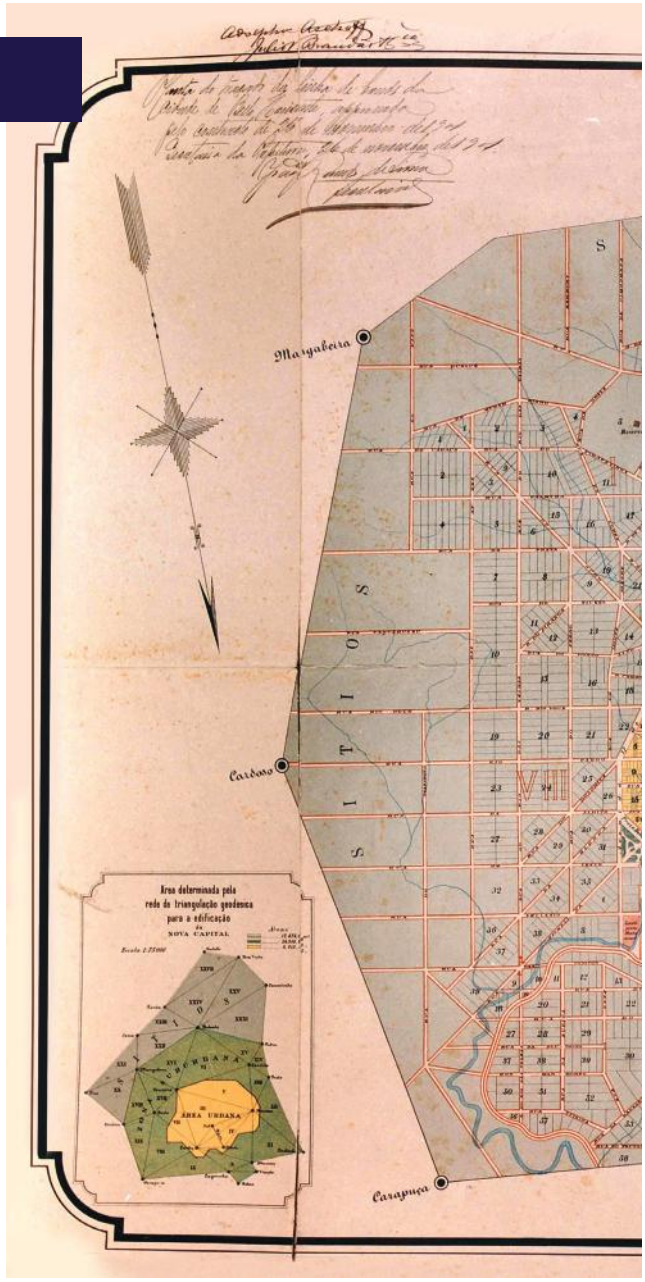
Contexto histórico

A construção de uma nova capital

No fim do século XIX, Minas Gerais era uma das províncias mais importantes do país. Sua capital era Ouro Preto, um dos municípios brasileiros que mais acumula fatos memoráveis sobre a importante história nacional. Após a constatação de que em Ouro Preto já não havia mais condições para o desenvolvimento físico urbano, era necessária a transferência da capital. Para tal, uma cidade foi inteiramente planejada, a primeira da República brasileira com essa característica.

Ficou à frente desta missão o engenheiro e urbanista Aarão Reis. A planta chamava a atenção por suas ruas e avenidas largas e retas, com quarteirões bem divididos. Além disso, o projeto destacava-se por um parque no centro da cidade e canteiros floridos e cheios de árvores.

Foi inaugurada em 1897, como Cidade de Minas. Apenas em 1901 passou a se chamar-se Belo Horizonte. Seu projeto foi inspirado em modernas cidades, que à época eram consideradas modelos, como Washington e Paris.



A Praça 7



Nesse contexto histórico, a Praça 7 merece um destaque à parte. Localizada no coração da cidade planejada, no cruzamento das avenidas Afonso Pena com Amazonas, ela sempre foi o marco zero do hipercentro.

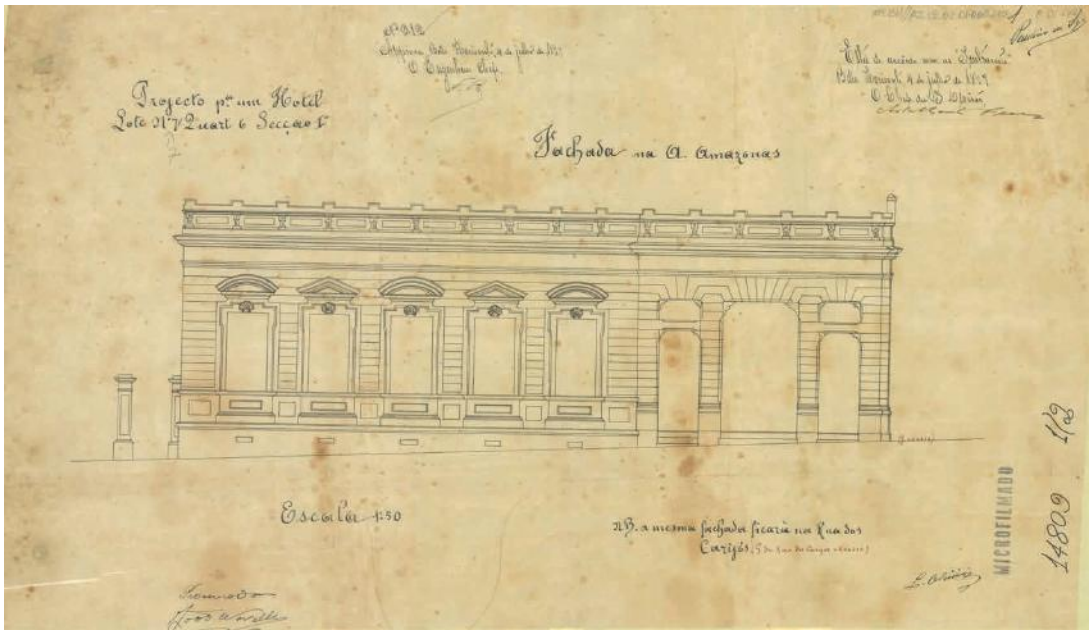
Em seu entorno, a partir da década de 1920, com o aumento do fluxo urbano, foram implantadas casas comerciais e instituições financeiras, tornando-se uma referência em comércio e serviços. Desde o ano de 1939, é sede de importantes pontos de encontro do belo-horizontino, como o Café Nice - ainda em funcionamento - e o Café Pérola. Foi o ponto central dos bondes e local de realização de campanhas políticas e manifestações sociais. Atualmente, mais de um milhão de pessoas circulam pela praça diariamente.

Belo Horizonte e sua arquitetura provinciana

A década de 1920 terminava com dois marcos que influenciaram diretamente a construção do Cine Theatro Brasil: o fascínio da população pelo cinema e o processo de verticalização da área central de Belo Horizonte.

A capital passava por um período de novos investimentos. Por consequência, existia uma renovação estética das construções, que até então eram predominantemente térreas ou com, no máximo, dois pavimentos. Até esse período, o modelo arquitetônico predominante era o eclético. Os prédios do Museu de Artes e Ofícios, Automóvel Clube, UAI Praça Sete e dos Colégios Arnaldo e Sagrado Coração de Jesus são alguns exemplos de construções com a estética arquitetônica do ecletismo.

Exatamente no local onde está o Cine Theatro Brasil havia um prédio eclético, que abrigava um hotel. Esse projeto foi elaborado pelo arquiteto Luiz Olivieri. Existem registros das plantas que mostram como era a edificação. Elas foram protocoladas em 4 de julho de 1897, cinco meses antes da inauguração da nova capital.



Projeto da fachada do hotel que ficava no local onde foi implantado o Cine Theatro Brasil. Acervo: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

A construção de um marco da arquitetura de Belo Horizonte

Com a ascensão do cinema, a empresa Cine Teatral idealizou a construção da maior sala de exibição de filmes do Brasil. O encontro das avenidas Afonso Pena, Amazonas e rua Carijós foi o local escolhido. O hotel que até então existia ali foi demolido.



Soluções criativas

Os lotes das esquinas da Praça Sete apresentam um desenho peculiar, em formato de leques, o que para muitos projetistas da época era um verdadeiro problema. Entretanto, os que assumiram o desafio de projetar a edificação do Cine apresentaram soluções criativas, que inteligentemente utilizavam a maior parte dos espaços do terreno, o chamado conceito da máxima utilidade. Uma proposta inovadora, por exemplo, foi da construção de três acessos à edificação, aproveitando o declive da área. A arrojada obra foi assinada pelo arquiteto **Ângelo Alberto Murgel.**

A solenidade de lançamento da Pedra Fundamental aconteceu em 21 de maio 1930. Já as obras começaram em setembro do mesmo ano. Nascia ali, uma nova concepção na utilização de espaços na cidade: além da sala de cinema, o projeto original contava com lojas, salas comerciais, escritórios e bares. Essa utilização diversificada do espaço era possível devido às suas três entradas. Para acessar o cinema, era utilizada a portaria voltada para a Praça 7; já a entrada das lojas e salas comerciais era pela Av. Amazonas e rua Carijós.

Pioneirismo da obra

O prédio do Cine Brasil foi uma das primeiras edificações no estilo Art Déco da jovem capital. Sua concepção influenciou a construção de vários outros prédios na cidade, inclusive tornando Belo Horizonte uma referência brasileira nesse estilo arquitetônico.

Nas plantas arquitetônicas dos pavimentos é possível perceber as linhas cruas e secas. A edificação, inspirada na arquitetura francesa, traz volumes geométricos bem definidos, pouca ornamentação, vitrais de ferro e vidro martelado. A fachada é revestida em pó de pedra. A construção também foi inovadora na utilização de cimento armado, importado da Inglaterra. Um dos únicos especialistas desse tipo de material à época Emílio Henrique Baumgart, que assessorou a obra.

A fachada do Cine não foi a única parte cuidadosamente projetada e construída. O seu interior trazia uma série de detalhes que encantavam o público, como suas luminárias e ladrilhos hidráulicos. Suas escadas eram largas e feitas em mármore.

As paredes do foyer contavam com murais no estilo Marajoara, pintados pelo artista italiano Angelo Biggi. A Grande Sala contava com plateia, balcões e frisas, como eram chamados os camarotes.

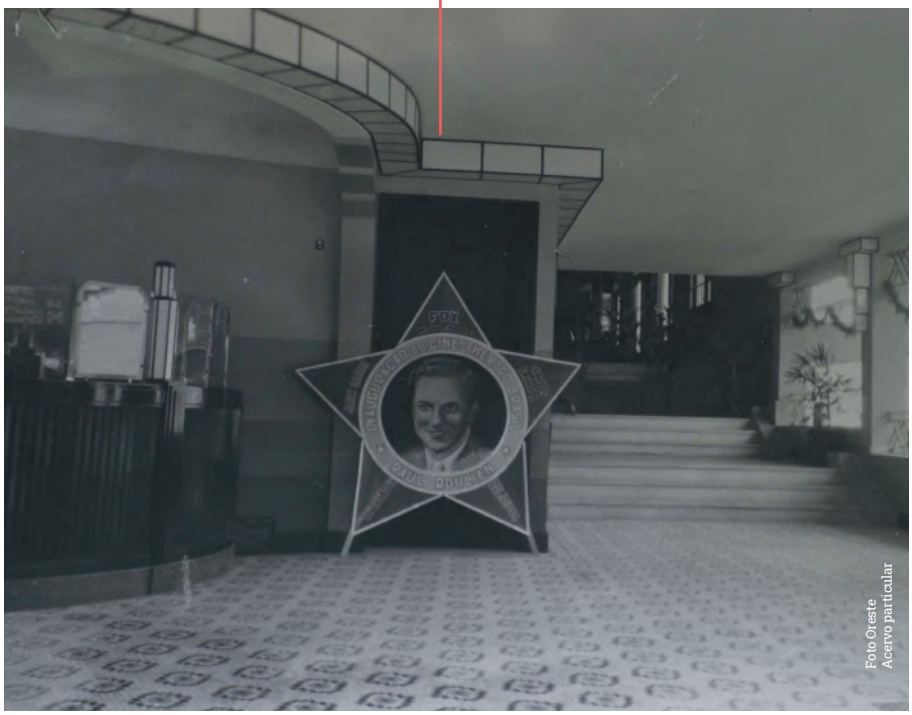
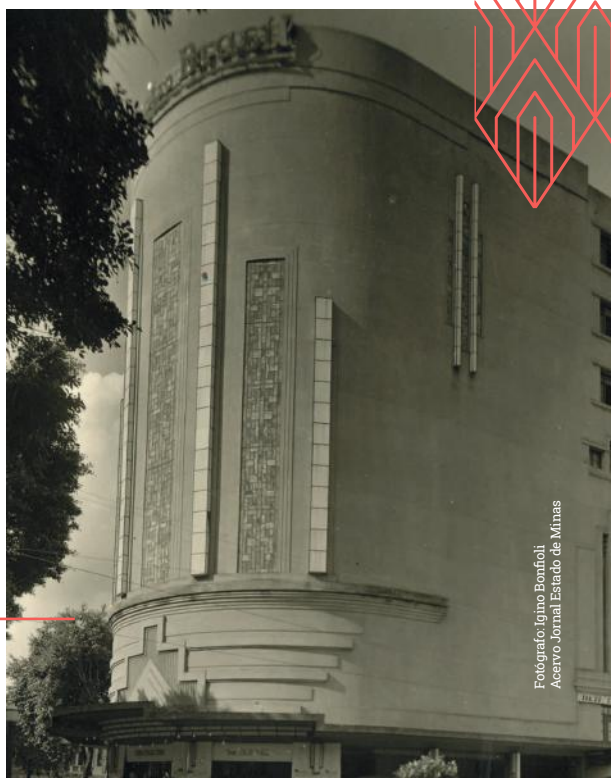


Foto Oreste
Acervo particular

O Art Déco

Essa estética arquitetônica valoriza a abstração, a linha, a forma, o volume e a cor. O estilo, que estourou no mundo no início da década de 1920, beneficiou-se das novidades da industrialização e de novas técnicas construtivas como as armações de ferro e o concreto, que foram importantes para a grande predominância das linhas geométricas das fachadas déco.

Quando a obra foi concluída, em julho de 1932, estava erguido o prédio mais alto da cidade.



Fotógrafo: Igino Bonfioli
Acervo Jornal Estado de Minas



Foto Oreste
Acervo particular

As transformações



Foto Oreste
Acervo particular

Cinco anos após a inauguração, foram instalados aparelhos de ar condicionado, alterando a estética da boca de cena do palco.

Em 1945, as poltronas originais foram trocadas por outras estofadas e rampas foram construídas em cima das escadas laterais.

Em agosto de 1952, o então governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek, inaugurou o Restaurante Popular nº 2 no andar térreo do edifício.

Em 1956, os painéis em estilo Marajoara, que ficavam dentro da sala de exibição, foram escondidos por

tinta. Anos depois, também já não era possível ver os murais que ficavam no foyer. Lambris de madeira, cortinas e espelhos foram instalados sobre as pinturas.

Na década de 60, as luminárias originais deram espaço à letreiros luminosos que ficavam acima da marquise.

O ápice da descaracterização de sua fachada foi em 1985, quando foram retirados seus vitrais, sendo coberta por um enorme painel publicitário. Os vãos laterais do hall também foram fechados, diminuindo a incidência de luz natural dentro do prédio.

Quando foi fechado, em 1999, o andar térreo, que já havia passado por inúmeras alterações, abrigava um estacionamento de carros.



Fotógrafo: Evendro Santiago
Acervo Jornal Estado de Minas



Fotógrafo: Não identificado
Acervo Jornal Estado de Minas

Patrimônio Histórico e Cultural

Desde a sua inauguração até o término de suas atividades, a edificação passou por inúmeras alterações. Com o declínio do cinema de rua, Belo Horizonte assistiu ao fechamento e até alguns casos de demolição dos prédios de vários cinemas.

Desde o início dos anos 1990, existiram algumas tentativas, todas frustradas, de tombamento do prédio do Cine Brasil. Nessa época, houve uma mobilização de entidades e da sociedade para preservar referências arquitetônicas da capital mineira. O receio de mais uma edificação, desta vez no coração da cidade, ter o mesmo destino que o Cine Metrópole (demolido em 1983 para dar lugar à uma instituição financeira) era grande.

Os antigos proprietários do imóvel recorreram a vários processos de tombamento, só em 1999, ano do encerramento das atividades, aconteceu a oficialização nas esferas municipal e estadual: o edifício do Cine Theatro Brasil era um patrimônio cultural.

Sobre tombamento

O tombamento de algo representa o reconhecimento oficial do seu significado para a história e identidade de uma comunidade, de uma região, de um povo, de uma nação e, até mesmo, da humanidade, como no caso dos Patrimônios Mundiais.

Existem três tipos de tombamentos: os federais, que ficam a cargo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); os estaduais, em Minas Gerais são feitos pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG); e os municipais, em BH são realizados por meio do Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Belo Horizonte.



Fotógrafo: Thiago Fernandes

A certeza de um futuro



Fotógrafo: Thiago Fernandes

Durante sete anos, o futuro do Cine Brasil foi uma incógnita para a cidade. A Fundação Sidertube, mantida pelo grupo Vallourec, adquiriu o prédio em 2006, dando assim, uma resposta para as incertezas no destino da edificação. Aquele espaço voltaria a pulsar cultura e entretenimento, bem no coração da cidade.

Entre o fechamento, em 1999, e a compra do prédio pela Fundação Sidertube, em 2006, a edificação foi degradada. Ainda assim, a sua estrutura se manteve inabalada, graças às inovações técnicas utilizadas e a qualidade de seu processo de construção.

Os muitos desafios da restauração

Cercado por desafios, o processo de restauração foi novamente um marco para a arquitetura belo-horizontina.

Um cuidadoso projeto foi elaborado. Afinal, tratava-se de um patrimônio cultural protegido. Foi preciso conhecer e entender a estrutura do imóvel, já que as plantas originais não estavam disponíveis. Esse foi um dos grandes desafios do processo. Diante de todas as dificuldades, existia uma certeza: seria utilizado o que havia de melhor, tanto em material como em processos, assim como na construção do prédio. Essa foi uma forma de demonstrar o respeito pelo símbolo arquitetônico que o Cine Brasil representa.

Quem coordenou os trabalhos foi o arquiteto Alípio Castelo Branco, com o co-arquiteto Wanderson Ferreira, que tinham dois obstáculos macros: restaurar os elementos arquitetônicos da época da construção e fazer com que as adaptações em seu interior, necessárias para o funcionamento do prédio em tempos atuais, não fossem desconectadas do seu projeto original.

Algumas surpresas também cercaram os trabalhos. Uma delas foi a descoberta das pinturas originais das paredes internas do Grande Theatro e em suas galerias de acesso. Assinadas pelo artista Angelo Biggi, foram totalmente recuperadas e hoje são consideradas o maior mural em estilo Marajoara da América Latina.



Fotógrafo: Thiago Fernandes


Fotógrafo: Thiago Fernandes


Fotógrafo: Thiago Fernandes

As escadas em mármore, que estavam escondidas por rampas desde os anos 1940, foram recuperadas. Os ladrilhos hidráulicos também voltaram. Eles foram reproduzidos por uma empresa especializada, em Barbacena(MG). Já os pisos em tacos de madeira passaram por um processo de recuperação.

Quando o prédio do Cine Brasil foi comprado, ainda contava com algumas poltronas originais. Foi possível restaurar 400 delas. Um destaque desse processo foi que, na busca por fornecedores especializados, foi encontrada a empresa que as fabricou, na década de 1930. Essas poltronas encontram-se no Teatro de Câmara, com capacidade para 200 pessoas, e nas últimas filas da plateia superior do teatro principal.

As frisas laterais, demolidas em uma das reformas, foram reconstruídas. Elas foram descobertas pelos arquitetos por meio de fotografias dos primeiros anos de funcionamento do espaço.

Restauração da fachada

A fachada foi uma das partes que passou por mais intervenções arquitetônicas. Seus vitrais foram removidos para dar lugar à uma placa de publicidade. Durante o processo de restauração, foi descoberto o projeto original desenvolvido nos Estados Unidos e dessa forma, foi possível produzir novos painéis. Foram refeitas também as quatro grandes lanternas em metal e vidro que se intercalam com os vitrais geométricos.



Fotógrafo: Thiago Fernandes

Vista do interior do prédio, onde é possível ver tijolos no local dos vitrais que compunham a fachada.



Fotógrafo: Thiago Fernandes

As inconfundíveis portas pantográficas foram reconstituídas. Como acontecia na década de 1930, quem passa hoje pela entrada do prédio pode admirar o seu hall. As portas dos elevadores também foram restauradas.

Ainda falando sobre o hall, algumas de suas paredes foram cobertas por imponentes madeiras. A curiosidade é que essas madeiras, de peroba rosa, são oriundas do antigo telhado do prédio. Como foi acrescentado mais um andar, o Terraço Brasil, elas foram removidas e utilizadas como elemento decorativo e para o tratamento acústico.

Teatro de Câmara


Fotógrafo: Thiago Fernandes

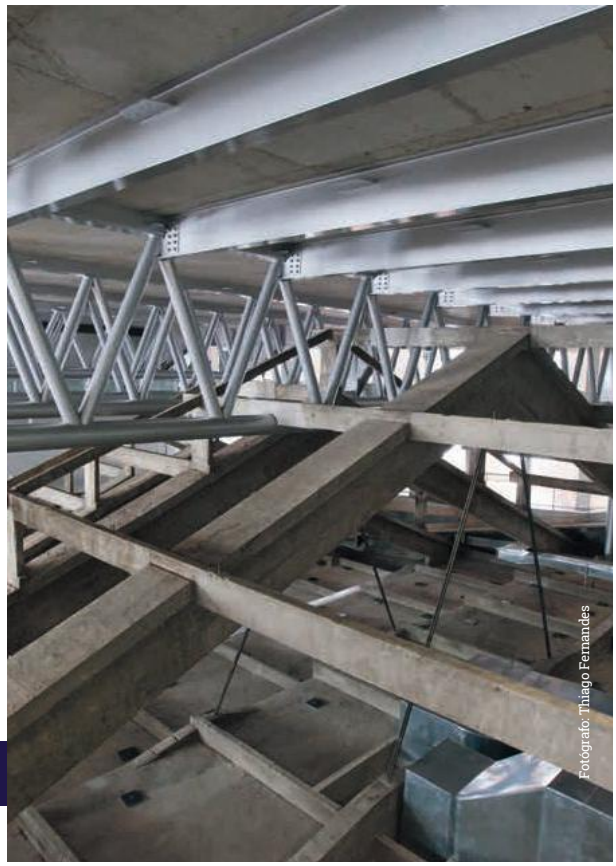

Fotógrafo: Thiago Fernandes

O andar térreo do prédio já foi um bar, um restaurante popular, lojas e salas comerciais e até mesmo um estacionamento. Após a restauração, passou a abrigar o Teatro de Câmara, um espaço equipado para receber apresentações de música, espetáculos teatrais, mostras de cinema e eventos empresariais. O andar térreo abriga ainda um café/restaurante.

Todas as poltronas do Teatro de Câmara são as originais, da época da construção, que passaram por um criterioso processo de restauração.

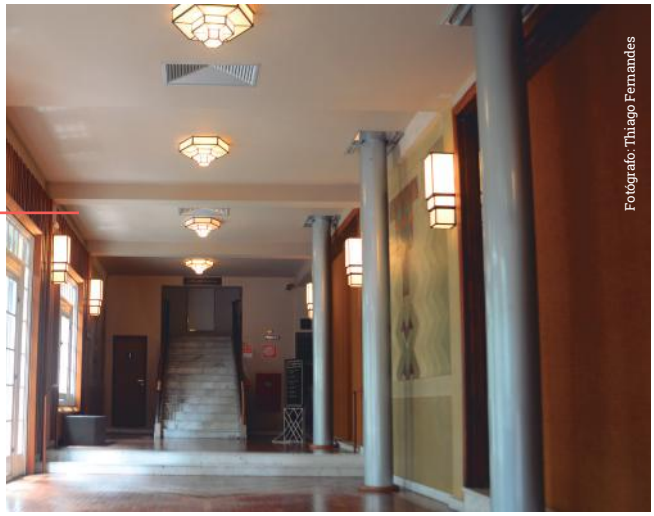
Galerias

O quinto e o sexto andares, espaços que antigamente eram ocupados por salas comerciais e escritórios, foram adaptados para receber exposições de artes visuais e eventos. De lá é possível ver a estrutura original do telhado, em concreto armado, e acima dela a estrutura metálica de sustentação do piso do Terraço Brasil, inserida durante a restauração. No sexto andar, o destaque fica por conta de uma passarela de vidro, que interliga os dois lados.


Fotógrafo: Thiago Fernandes

Terraço Brasil

Já falamos que quando erguido, o prédio contou com a utilização de uma técnica pioneira, o concreto armado, uma das mais resistentes do mundo. Foi instalado ainda uma nova estrutura de sustentação. Feita com tubos de aço, fabricados pela Vallourec. Atualmente ela pode ser vista em diversos andares. Inclusive, essa foi uma escolha dos arquitetos. Quiserem deixar a mostra, sem fazer nenhum tipo de intervenção que pudesse esconder novamente qualquer um dos elementos decorativos originais. Essa técnica é chamada de janela de projeção.



Fotógrafo: Thiago Fernandes

Com isso, o Cine Theatro Brasil Vallourec ganhou mais um espaço para exposições e eventos diversos, o Terraço Brasil. Localizado no sétimo andar, exatamente acima das estruturas originais do antigo telhado, conta com fundação independente. Confirmando o caráter democrático que o Cine Brasil carrega desde a sua inauguração, esse espaço recebe eventos culturais, empresariais e sociais, incluindo festas de casamentos.



Fotógrafo: Thiago Fernandes

Homenagem

Para homenagear os envolvidos no processo de restauração do Cine Theatro Brasil, o pintor Mário Mariano, criou o painel *Plateia*, que pode ser visto no primeiro andar do prédio. Nele, estão registradas algumas das centenas de pessoas que contribuíram com a reabertura da casa de espetáculo mais antiga em atividade em Belo Horizonte.



Fotógrafo: Thiago Fernandes

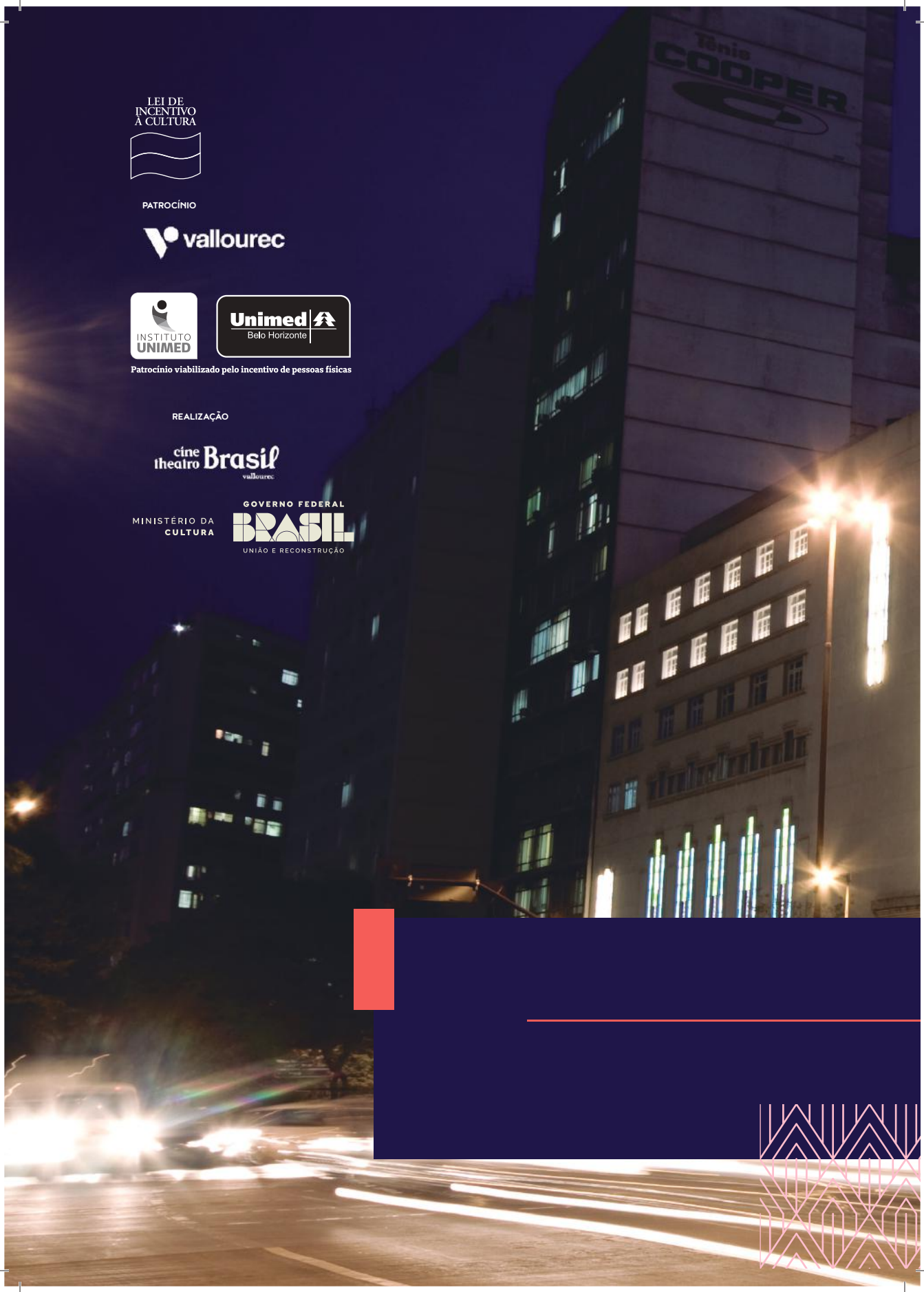


Fotógrafo: Thiago Fernandes



Fotógrafo: Thiago Fernandes

cinetheatrobrasil.com.br
Cine Theatro Brasil
cinetheatrobrasil



LEI DE INCENTIVO À CULTURA

PATROCÍNIO

vallourec

INSTITUTO UNIMED

Unimed Belo Horizonte

Patrocínio viabilizado pelo incentivo de pessoas físicas

REALIZAÇÃO

cine theatro Brasil vallourec

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO